

O Homem e suas buscas

Samuel Bulamarck | Lindomar Coutinho
Espírito | Médium

 editora **maiêutica**

Ilhéus | BA - 2011

Sumário

- 9** Encontrado e não buscado
- 13** O homem e suas buscas

Parte I

O HOMEM APRENDE A PERGUNTAR...

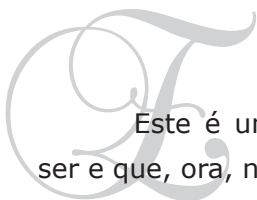
- 19** O homem aprende a perguntar...
- 29** Dúvidas do perguntar
- 45** Perguntas e movimentos internos do perguntador
- 67** O Caminho
- 77** Objetividade dos Objetivos
- 91** Justificativas e Justificação
- 103** Obstáculos e Dificuldades
- 133** Medos e anseios da busca...
- 151** Viver ou Morrer
- 163** A questão do enfrentamento

Parte II

AS BUSCAS DO HOMEM

- 177** As buscas do homem
- 181** Por que o homem busca?
- 187** A busca da racionalidade
- 197** A busca ética
- 209** A busca de si mesmo
- 217** Em busca do prazer
- 233** Em busca da compreensão
- 245** A busca da consciência dos
"verbos" realizadores

Prefácia
o **HOMEM** e suas
BUSCAS



Este é um tema que, há muito, estagia em meu ser e que, ora, na oportunidade da combinação própria da parceria mediúnica pretendemos levar á lume.

Outrora, não tendo grafado meus pensamentos – resultado, muitos deles, de inspiração superior, do *Daimon*¹ – eu os vi sendo levados às gerações graças à iniciativa de outros. Isso, evidentemente, não lhes garante uma total fidelidade.

Agora, também terei entre mim e a expressão do meu pensamento – que deve refletir o Pensamento do Cristo – uma outra mente e outras mãos que me secundarão – o médium... É a vivência da Lei de Cooperação Universal!

Nisto já temos a vivência das buscas empreendidas pelo homem, em sua manifestação universal, a que denominamos de humanidade.

Teremos que lidar com a dicotomia própria da dialética do existir com o evoluir, pois ora o homem busca, ora ele é buscado... pela Lei, pelas ocorrências, pelas cir-

¹ *Daimons*, na mitologia grega, eram considerados espíritos intermediários entre os homens e os deuses. Bons daimons eram considerados espíritos guardiães, dando orientação e proteção para os que assistiam.

cunståncias, que, diga-se de passagem, sãõ atraídas sempre pela condiçãõ do próprio homem. Daí que, entendendo assim, toda e qualquer açãõ tem um caráter enfermigo, se considerarmos o nível evolutivo que predomina na Terra. Isso porque a melhor açãõ pode ter/esconder uma intencionalidade duvidosa, no mínimo.

Nãõ obstante, teremos sempre que considerar as relações estabelecidas entre as duas dimensões próprias do homem: a consciência e a inconsciência. A partir disso, na seqüência evolutiva, as manifestações instintivas e as racionais; as emocio-sentimentais e as transcendentais; as profanas e as sagradas; as materiais e as espirituais...

Entrementes, estamos circunscritos a analisar e, num salto qualitativo, buscar alcançar uma síntese de ordem superior, em contato com o fenômeno na nossa própria Vida – em suas múltiplas manifestações existenciais e, ainda, em todos os movimentos do nosso existir – cuja melhor dimensãõ encontramos no vir-a-ser, do devir heraclitiano², sem, contudo, perdermos de vista a essência do ser parmenídico³, imutável que é, na natureza ontológico-espiritual dos seres que somos, resultantes do Ser de que surgimos e do qual tudo passou a existir...

Portanto, ainda continua sendo um dos grandes desafios, buscarmos viver a Liçãõ de um dos Sete Sábios gregos: o *Gnothi se auton*, ou, mais conhecidamente, o *Conhece-te a ti mesmo*, de Tales de Mileto, inscrito num

2 Refere-se à concepçãõ de Heráclito, filósofo grego antigo, que defendia o movimento como essência das coisas, em oposiçãõ a concepçãõ filosófica de Parmênides, seu contemporâneo.

3 Parmênides a define como imutável, sem movimento: "o ser é, o não ser nãõ é".

dos Sete Portais do Templo de Apolo, em Delfos.

De lá para cá, no fluxo inexorável do Tempo, *Cronus* tem feito surgir muitas coisas, em obediência a *Zeus*, que, da sua representação maior, cedeu lugar para a compreensão amadurecida da Unicidade de Deus – onisciente, onipotente e onipresente – que tudo rege com a Lei de Amor, e que, amorosamente, ofereceu, através dos seus emissários, o conhecimento mais cristalino e, antes, restrito apenas aos iniciados, pondo-o à disposição de todos. Esse conhecimento ficou conhecido como Doutrina dos Espíritos ou Espiritismo.

Assim nos referimos, não tratando do Espiritismo em si, visto isoladamente, pois isso seria cometer o mesmo equívoco secular do sectarismo, mas, vendo no conjunto, nas explicações e esclarecimento do como e do por que os fenômenos espirituais acontecem e suas riquezas manifestativas, seus objetivos, as intenções dos seus autores, as leis que os regem, a didática cartesiana do seu ensino – ou seja, do simples para o complexo, dentre outras nuances, embora sempre respeitada a condição e a vontade de cada um.

Por isso, sem proselitismo e com informação, sem técnica de convencimento e com elucidação ético-moral de que “não somos responsáveis apenas pelo que fazemos, mas também pelo que deixamos de fazer”⁴; sem compras de pedaços de céu, e com vivência da máxima “fora da

4 Jean-Baptiste Poquelin, conhecido como Molière, dramaturgo francês, (1622-1673). Concepção também encontrada na literatura espírita.

caridade não há salvação”⁵; sem quereremos ganhar o céu de graça, e sim através do esforço evolutivo é que somos chamados a termos atenção às Leis de causa e efeito e à do livre-arbítrio, e assim sistematizarmos acerca do homem e suas buscas, como uma contribuição das menores, frente à Elevação da Mensagem do Evangelho de Jesus.

Rogando ao Mestre Jesus a proteção de que carecemos, ofereceremos ao público o resultado do nosso esforço e trabalho, com o desejo de que seja interpretado como o nosso exercício de amor à verdade e à própria Vida, na esperança de que a pena de morte seja extinta do nosso planeta: das decepções à cicuta; das fogueiras e enforcamentos ao fuzilamento; das bombas atômicas às cadeiras elétricas e às câmaras de gás...

Que, regido pela Lei de Amor e pela busca da Verdade, o homem se encontre nas suas buscas, pois o céu não deve mais esperar...

Samuel Bulamarck

Ilhéus – BA, 03/11/2006

5 KARDEC, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XV.